



Renato Ferreira Sirqueira  
**NEW YORK DOLLS**

Inspirado pelo álbum homônimo de **NEW YORK DOLLS**

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

**Danilo Corci**  
organizador

**mojo**  
BOOKS

---

**NEW YORK DOLLS**  
RENATO FERREIRA SIRQUEIRA  
uma história inspirada por  
**NEW YORK DOLLS**  
NEW YORK DOLLS

---

SÃO PAULO, JANEIRO DE 2010  
1ª Edição

COPYRIGHT © 2010 BY RENATO FERREIRA SIRQUEIRA  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – [WWW.MOJOBOKS.COM.BR](http://WWW.MOJOBOKS.COM.BR)

---

# NEW YORK DOLLS

## RENATO FERREIRA SIRQUEIRA

EDIÇÃO: **DANILO CORCI**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **MOJO FACTORY**

CAPA: **MOJO FACTORY**

---



**NEW YORK DOLLS**  
RENATO FERREIRA SIRQUEIRA

Era um dia qualquer, numa cidade qualquer, num bar qualquer, numa mesa suja qualquer. Ou pelo menos assim pensava Sandy Queen.

No balcão do bar, dois bêbados discutiam sobre qual era a importância do governo de Balzac Osama para os países de terceiro mundo, como o que Charles Edward havia nascido, o mesmo que Sandy Queen.

Acompanhado por um vinho Stradlin Thunders, Sandy Queen amargava suas dúvidas. Quem ela seria, se algo fosse, por que estaria no mundo e por que seu coração tanto doía?

Mais uma taça de Stradlin Thunders desce goela abaixo e ela mal consegue firmar seus olhos. O som do bar parece longe, mesmo ela estando ao lado das caixas de som, e ficam mais longe quando passa um trem atrás do bar a cada vinte minutos. Quantos trens ela já tinha contado?

Sandy resolve se levantar, tira uma nota amassada de seus bolsos e em meio a piadas grosseiras, se retira do bar. Deixa para trás uma taça de seu vinho barato, esquecida numa mesa de bar qualquer.

Alguns homens olham, outros apreciam seus seios e outros chegam a fazer comentários sobre suas nádegas. Aquela morena de cabelos ondulados, pretos como seus olhos e de lábios tão vermelhos, era a própria personificação de uma Branca de Neve do terceiro mundo. Onde ia arancava suspiros e gracejos.

\*\*\*

Pouco mais de trinta minutos depois numa kitchnette fétida, se encontrava Charles Edward Beverly, que embriagado olhava no espelho. Sua vitrola parecia conversar com ele em meio a canção “Who are you”, do The Who, e ele repetia como autoindagação: “Quem é você?”

Charles Edward tinha dezete anos, cabelos compridos como manda um figurino roqueiro, mas uma dúvida o afligia: Quem ele era realmente?

Levantando-se e indo em direção ao banheiro, lava-se e tenta ao máximo tirar o cheiro de bebida, pois ainda queria sair naquela noite que começaria.

\*\*\*

Já eram quase 22h quando Sandy Queen desce as escadas de seu “lar, doce lar” para sair.

Com passos de bailarina, ela se dirigia pelas escadas e corredores, mostrando uma felicidade que só quem estava dentro dela sabia que não era real. Era mais um dia, mais uma fuga.

Não foram mais que setenta minutos para ela chegar em frente ao J Pub, que aquela hora já estava fervendo.

Tão próximo a Sandy Queen estava Charles Edward, que sentia um misto de prazer e dor ao encará-la, um misto de satisfação e nojo e com imensa inveja da felicidade que Sandy transbordava, embora ele soubesse que aquilo nada mais era que uma felicidade mentirosa.

\*\*\*

Em meio a drinks coloridos, flamejantes, secos e nos mais variados copos, Charles Edward ia se embriagando, sem notar que já perdia noção de quem era e que poderia sumir dali de uma ora para outra.

Em meio as mesmas bebidas e vários comprimidos, dos mais diversos tipos e cores, Sandy se esbaldava, dançando ao som de “Bizarre Love Triangle”.

Charles dormia, enquanto Sandy estava no auge de sua diversão.

\*\*\*

Tanta diversão, bebida e comprimidos despertam em Sandy Queen a necessidade de carinho.

Passando aqueles olhos negros, com cílios bem desenhados por cada centímetro do pub, ela nota em meio ao balcão um cara sentado, cabisbaixo, como se estivesse dormindo e resolve se aproximar.

Quando estava chegando perto, o rapaz sente sua presença. Esboça um sorriso, mas rapidamente a perde de vista.

Jeffrey Colvin a segura pelo braço, puxa-lhe, segura sua cintura e manda um certo beijo em seus lábios vermelhos. O que é retribuído cegamente por Sandy Queen, que parecia procurar aquilo.

O rapaz da mesa apenas faz cara de raiva, pois sentia que aquela garota alegre iria tirar sua tristeza naquele dia.

Jeffrey Colvin não nota, na verdade, tudo o que ele via era aquela visão da garota branca como a neve e de cabelos tão pretos que poderia se perder entre eles. Embriagados pelo som dos altofalantes, os dois só podem se enroscar e



dançar, enquanto Sandy se delicia nos braços do rapaz, que não perde tempo e desliza sua mão pelo corpo da morena de apenas dezete anos, que aparentava pelo menos 21.

Jeffrey demonstrava querer muito mais do que Sandy poderia oferecer, pois enquanto o rapaz queria pelo menos uma trepada rápida com ela no banheiro, ela procurava apenas alguém para dar uns beijo estalados naquela noite. De preferencia rapazes.

\*\*\*

Já era hora de ir embora, quando Hong Chui sai meio zozzo do balcão e vai de encontro a Jeffrey Colvin, que saía com uma outra garota. Tenta acertar-lhe uma garrafada, mas devido a seu grau alcoólico, parecia em câmera lenta, o que deu tempo suficiente para Jeffrey desferir-lhe um soco bem dado no nariz.

Jeffrey foi embora com sua garota e Hong ficou no chão, sendo ajudado por ninguém menos que Sandy Queen, que pergunta se eles já não se conheciam.

— Sim — disse Hong — Sou aquele cara que estava no balcão enquanto você caminhava em minha direção e foi pega por esse cara.

— E por que você queria acertá-lo com uma garrafa? — pergunta a enternecida Sandy.

— Porque ele separou você de mim.

Sandy faz cara de peninha e dá um beijo no nariz ensanguentado, dizendo que ele era fofo, mas ela falaria com ele depois, pois ela já estava alta demais e precisava ir para casa descansar.

\*\*\*

Eram quase nove horas da manhã de domingo quando Charles Edward acordou. A boca seca e a cabeça doída lhe diziam que ele tivera uma noite de excessos.

Lá estava ele outra vez de volta a seu mundo, sozinho, apenas com um computador e uma sala de bate-papo onde poderia conversar com pessoas como ele.

Não se lembrava de muita coisa da noite anterior. Lembrava-se de um beijo, de ter presenciado uma briga e de voltar caminhando para sua casa, alegre no início e triste no final. Mas apenas vagas lembranças.

\*\*\*

Sandy dormia, descansava como um anjo. É como se ela tivesse um mundo só dela e naquele momento ela estava nele, onde ninguém poderia pisar.

\*\*\*

Enquanto isso, Charles Edward dá um grito de raiva e começa a quebrar as coisas em sua kitchnette.

Uma xícara de café amargo despedaça seu espelho, ele pode ver pedaços seus nos reflexos.

— Quem é você? — ele se perguntava — Um monstro? Uma aberração? O que eu fiz para merecer isso?

Desabando num choro contínuo, Charles se sentia como uma escória, não aceitando sua real condição no mundo.

Ele se levanta, pisa em cacos, sente os pés sangrando mas, mesmo assim, caminha até seu banheiro e começa a tentar relaxar. Mas como relaxar sentindo-se assim?

Olha para seu corpo e odeia cada centímetro dele, sente nojo, sente asco, mas está preso aquele corpo, pelo menos por enquanto.

\*\*\*

Já era noite quando Sandy Queen acordava. Mesmo um pouco cansada, com os pés doendo, saíra naquela noite, afinal, ainda era domingo e ela queria diversão.

Botas de cano alto e salto, vestido de couro, batom vermelho. A garota saiu definitivamente para arrasar corações.

Com a fama de malvada e destruidora de corações, Sandy saía com quem lhe desse na telha, mas nunca passava de beijos, o que deixava alguns homens furiosos.

\*\*\*

e já inchados. Nada importava naquela hora, ela queria sair e mesmo que não dançasse, ficaria sentada dando alguns beijos e tomando seus drinks prediletos. Estava decidida a não mais sofrer, embora algo dentro dela insistia em fazê-la sofrer.

\*\*\*

Motos passavam e paravam, Charles Edward ouvia os barulhos, mas estava cansado demais para dar atenção e tentava desesperadamente dormir.

Enquanto isso, Sandy aproveitava e abusava dos caras, começava beijar, insinuava-se e como uma mulher fatal, incentivava rachas entre carros e motos, apenas para que os garotos mostrassem quem era o mais “fera” para aquela fera.

E assim foi, até a hora de ir embora, pois faltavam alguns minutos para segunda-feira quando ela realmente decidiu ir dormir.

\*\*\*

Era a vida noturna de Sandy contra a diurna de Charles, que cansado de ouvir tanto barulho à noite e dormir muito mal, sai atrasado de casa para ir ao trabalho.

Ônibus lotado, metrô lotado, pessoas se espremendo, esse era o caos da cidade, o qual ele tanto odiava.

Decidido a parar com a dor de cabeça, entra em uma farmácia em busca

de alguns comprimidos, quando percebe que um cara, com aspecto asiático o encara cegamente. Seu nariz parecia ter sido espancado e ele olha com cara de raiva para Charles, que desconversa, muda o olhar, mas Hong Chui disse com voz aspera.

— Não te lembro alguém?

— Me desculpe — respondeu Charles — Você me parece alguém, mas não sei quem.

— Eu sei muito bem e espero estar enganado — respondeu o jovem vietnamita.

Charles sai desenfreado, deixando os comprimidos no balcão e foge. Passando por um cara alto, que buscava alguém que tentara lhe acertar com uma garrafa dois dias atrás.

Esse cara para e diz:

— Grande filho da mãe, arrebentarei você e aquele filho da mãe de olhos puxados.

O que Charles havia feito naquela noite? Ele não se lembrava. os rostos eram familiares, mas ele não se lembrava. Lembrou dos rostos da briga, mas não entendeu o porque ele tinha algo a ver com aquilo.

\*\*\*

Sandy Queen teimava em não acordar. Não tinha nenhuma amiga ali por perto, apenas sentia que algo acontecia.

Resolve saber que correria é aquela, mas não dá tempo. Ouve-se um tiro e

um barulho de alguém caindo no chão.

\*\*\*

Charles Edward tenta respirar, sente-se ferido. Jeffrey sai em disparada, mas também recebe um tiro de Hong Chui, que havia disparado para matar. Dois tiros, três corpos, enquanto Hong fugia.

Jeffrey morre na hora e a alguns metros dali, caído no chão estava Sandy Queen para uns, Charles Edward para outros, num encontro que se tornaria fatal aos dois.

\*\*\*

No velório, conhecidos de Sandy Queen olhavam espantados e incrédulos. Na placa que indicava o nome do velado estava Charles Edward Beverly e nenhuma menção à Sandy Queen.

Já os amigos de Charles procuravam a tal moça que levara um tiro igual ao de Charles e estaria sendo velada no mesmo horário.

No fundo da sala, alguns parentes distribuíam as declarações de óbito de Sandy Queen, que tinha como nome de nascido CHARLES EDWARD BEVERLY.

\*\*\*

cremado numa urna que mais parecia um jato que o levaria para o mais longe possível, onde ninguém o tocaria e ninguém o veria. Junto ao triste Charlie, partia Sandy Queen para se tornar eterna, pelo menos até ser esquecida como a taça de vinho que deixou naquele dia qualquer de um bar sujo qualquer.



**mojo**  
BOOKS

[www.mojobooks.com.br](http://www.mojobooks.com.br)